

**VESTÍGIOS DE DEUS:
O PROBLEMA DA FUNDAMENTAÇÃO
RACIONAL DA EXISTÊNCIA DE DEUS**

José C. Lopes Marques

Fares Camurça Furtado*

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2562049569156918>

Teses de doutorado em geral são escritas com rigor científico, numa linguagem técnica direcionada a um público estritamente seletivo. Boa parte dos grandes eruditos são mais conhecidos por suas obras mais populares do que propriamente por suas obras mais acadêmicas. Autores do quilate de D. A. Carson, John Piper, Russell Shedd, Augustus Nicodemus, Jonas Madureira, Kevin Vanhoozer são mais conhecidos por suas palestras e por obras mais populares. Poucos conhecem suas teses de doutorado.

É lógico que a obra de um escritor não se restringe às reflexões de sua tese de doutoramento, mas certamente um trabalho tão importante como este deveria ser adaptado para um público não especializado, com a finalidade de divulgar boa erudição entre os não-especialistas, sem perder o rigor acadêmico e desprendido de tecnicismos enfadonhos. O Dr. José da Cruz Lopes Marques conseguiu isto nesta obra *Vestígios de*

* Médico generalista formado pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), membro da Igreja batista de Novo Juazeiro (Juazeiro do Norte-CE); teólogo com formação no curso livre em Teologia, com ênfase em Exegese, pelo Seminário Batista do Cariri, pós-graduando em Apologética Cristã pela Faculdade batista do Cariri e estudante de Filosofia, atualmente, aluno do Curso Online de Filosofia (COF), ministrado pelo professor Olavo de Carvalho. O autor é responsável pelo blog: <https://farescamurcafurtado.wordpress.com>
E-mail: farescfurtado@gmail.com

Deus.

José Marques possui formação em Teologia pelo Seminário Batista do Cariri e em Filosofia pela Universidade Federal do Pará. É mestre e doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará, possuindo vários trabalhos publicados em revistas especializadas em Teologia e Filosofia. Ele já demonstrou seu talento literário nos livros *Diário de sonhos do Doutor Satírico* e *Cultivando a reciprocidade* (este em coautoria com José Roberto Costa). Atualmente é professor efetivo do Instituto Federal do Ceará e colabora com a Faculdade Batista do Cariri, além de Pastor da Igreja Batista Betolândia, em Juazeiro do Norte, Ce. É um estudioso da obra do dinamarquês Kierkegaard e, neste trabalho em especial, faz análises correlacionando Kierkegaard e Pascal, uma avaliação inédita em solo brasileiro.

Um argumento perpassa toda a obra: a fé não precisa da razão para ser justificada. Como o subtítulo da obra bem expressa, para Marques, colocar a razão como fundamento da crença em Deus é algo problemático. O autor desenvolve esta premissa ao longo de 10 capítulos. Inicialmente, somos apresentados ao dilema da justificação racional para a existência de Deus. Um panorama histórico-filosófico desta tensão é elencado com maestria, situando o leitor no debate. Nas palavras do autor:

Tomando como referência a doutrina bíblica da Queda do homem e a consequente quebra da harmonia entre fé e razão, verificaremos as fragilidades encontradas pelas categorias lógico-rationais para explicar as verdades reveladas (p. 21).

Em suas considerações iniciais, o Dr. José Marques aponta como estabelecerá o diálogo entre Pascal e Kierkegaard. Para eles, havia a primazia da fé sobre a razão, sendo que ambos teceram críticas, cada um em sua época, ao racionalismo filosófico (Pascal se opôs a Descartes e Kierkegaard a Hegel). É necessário entender que Kierkegaard foi um grande leitor de Pascal, mas nem por isso são homogêneos no seu modo de pensar. Marques adverte que neste livro não realiza uma sistematização do pensamento do francês e do dinamarquês.

No capítulo 1, o debate sobre a justificação racional da existência de Deus é apresentado mais detalhadamente, como uma panorâmica histórica. A ideia remonta a Aristóteles. No Cristianismo ela ganha força com Justino a partir de seu conceito de *Logos*

spermátikos, por meio do qual a razão divina já estava no homem antes de Cristo. Para o apologista cristão, existem verdades em sistemas à parte do Cristianismo. Todo ser humano possui Logos infinito. Sendo que antes de Cristo a presença do Logos no homem ocorria apenas de forma parcial. Assim, os que viveram de acordo com a semente do Logos, mesmo antes de Cristo, são considerados cristãos (inclusive os filósofos). No entanto, só os cristãos possuem o Logos por inteiro. Tertuliano, por sua vez, apresentou uma elaborada separação entre Fé e Razão. Clemente e Orígenes, por outro lado, apresentaram uma síntese entre doutrinas cristãs e filosofia platônica. Para Clemente, a Filosofia é como um testamento para os gentios.

Agostinho aponta uma demonstração de Deus pela via racional. Principalmente no livro *Livre-Arbítrio*. Marques ainda apresenta o argumento ontológico, conforme expresso por Anselmo. Nas palavras de José Marques: “Anselmo inicia e termina com a fé, mas consegue encontrar no ínterim entre esses dois extremos um lugar correto para o exercício da razão.” (p. 45). Ainda encontramos neste capítulo uma apresentação das cinco vias de Tomás de Aquino. Sobre a tensão entre filósofos e cristãos em Aquino, Marques assevera: “Quando se detecta uma aparente contradição entre as afirmações dos filósofos e a fé cristã, segundo São Tomás, isto não deve ser atribuído à filosofia, mas a um mau uso da mesma devido a alguma falha da razão.” (p. 51).

No capítulo 2, Marques nos apresenta os pensadores contra os quais Pascal e Kierkegaard utilizaram suas penas: Descartes e Hegel, respectivamente. Ambos representam o auge do racionalismo dentre os filósofos. Para muitas pessoas, Pascal não passava de um fideísta; para outros, tratava-se de um cartesiano disfarçado. Tais visões são equivocadas, posto que Pascal apontou “os limites do conhecimento racional” (p. 55). Pascal replicou a certeza absoluta da existência de Deus e sua base estava na limitação e finitude do homem, bem como na doutrina do pecado original. O Dr. José Marques apresenta-nos uma citação de Pascal que retrata com muita precisão esta réplica a Descartes:

Não posso perdoar Descartes; bem quisera ele, em toda a sua filosofia, passar sem Deus, nas não pôde evitar de fazê-lo dar um piparote para pôr o mundo em movimento; depois do que, não precisa mais de Deus (p. 60).

No caso de Kierkegaard, há momentos em que sua crítica é oferecida diretamente a Hegel e em outras aos discípulos dinamarqueses desaviados deste. Kierkegaard criticou Hegel pelo fato deste ter transformado a consciência individual em uma fonte de mal. Alguns críticos dizem que isto é um espantalho (de que Hegel destruiu o indivíduo a fim de deificar o Estado. Independente disto, Hegel tentou suprimir a consciência individual). Para Kierkegaard, o que suplanta o Universal Absoluto é a relação da consciência do indivíduo com Deus. Para Hegel, o exterior é superior ao interior na mesma proporção que o homem é superior à criança. Já Kierkegaard diz que a exterioridade da ética deve estar sujeita à interioridade da fé.

Kierkegaard também criticava o conceito de mediação racional elucidado por Hegel, onde a própria fé necessitaria de uma mediação racional para ser justificada. Isto desencadeou o provocante título da obra ora resenhada. Tanto Pascal quanto Kierkegaard se levantaram contra o racionalismo reducionista que visava explicar até mesmo os mistérios da fé. E só o fizeram porque ambos reconheciam os limites epistemológicos da razão humana.

Prosseguindo, no capítulo 3, o autor nos apresenta o que considera ser o cerne do problema: a tensão entre teologia e filosofia. A problemática da Teologia Natural, conforme expressa por Karl Barth, reside no fato de que ela transforma em Revelação aquilo que é Não-Revelação, seguindo os passos de Pascal e Kierkegaard, os quais rejeitaram veementemente a eficácia das provas para a existência de Deus, defendendo assim a tensão entre a teologia e a filosofia e a legitimidade dos mistérios da fé. Pascal entendeu o status científico da Teologia. Para o filósofo jansenista, os principais males da humanidade são o orgulho e a concupiscência (p. 87). Ironiza a autossuficiência da Filosofia: “buscais em vós mesmos os remédios para vossas misérias”, procurando desta maneira estabelecer um “status elevado para a teologia em seu sistema” (p. 88). Assim, é a Teologia que deve julgar a Filosofia e não o contrário. A Teologia, por assim dizer, determina o que da Filosofia possui utilidade. De maneira gradual, percebe-se em Pascal e Kierkegaard, ao longo das páginas de *Vestígios de Deus*, como é possível ser brilhante da perspectiva epistemológica e teológica sem se render aos ditames da ingerência da Ciência e da Filosofia sobre a Teologia.

No capítulo 4, o foco é voltado para o problema filosófico do conhecimento de Deus. Um dos aspectos do debate reside na tensão entre transcendência e imanência.

Mesmo não negando a imanência, é certo que o foco de Kierkegaard e Pascal se encontra na transcendência. O ponto é a infinita distância qualitativa entre Deus e a criatura. Como afirma o Dr. Marques: “Deus é essencialmente aquilo que escapa à mediação autônoma da razão” (p. 104).

O termo técnico *Deus Absconditus* foi muito utilizado por Pascal em referência direta a Isaías 45:15 (o Deus escondido). Neste sentido, assevera Marques:

“Deus se esconde para que o homem possa perceber a sua miséria e, eventualmente, se revela para que esse mesmo homem perceba que há uma esperança de cura para a sua condição corrompida.” (p. 106).

Para Pascal, o homem se conhece mais à medida que conhece mais a Deus (muito parecido com uma das sentenças iniciais do livro I das Institutas). Porém, esta correlação foi abalada de maneira profunda pela queda. É a partir da perspectiva da Queda que Pascal desenvolve o seu conceito de *Deus Absconditus*. Em concordância com Agostinho, Pascal afirmou que as implicações da queda não são apenas relacionais, mas também epistemológicas. O conhecimento de Deus no período pós-queda foi “apagado” ou “perturbado”. O diferencial de Pascal é que em seu sistema não há possibilidade de conhecer a Deus à parte de Jesus Cristo, tomando como base João 17:25. Kierkegaard também tratou da impossibilidade de pensar *o Absolutamente Diferente* e para isto há fortes indícios de que Kierkegaard se utilizou dos escritos de Pascal sobre *O Deus Absconditus*.

Marques não trata como homogêneos os conceitos de *Deus Absconditus* e *Absolutamente Diferente*. Mas ele percebe pontos de contato entre os dois. Enquanto Pascal apresentou a impossibilidade de conhecimento sem Cristo, Kierkegaard afirmou que o Deus-Homem é a verdade e a ocasião para manifestá-la. A ocasião proporciona o encontro entre o mestre (verdade) e o discípulo (não-verdade), diferentemente da busca própria feita pelos discípulos de Sócrates. Os destaques nesta relação são para arrependimento/ conversão e amor. Arrependimento é a tomada de conhecimento do homem (não-verdade) sobre sua condição. O amor move o mestre-Deus (verdade) em direção ao discípulo (não-verdade). Sem amor não há conhecimento.

De forma mais incisiva, Marques abordará a renúncia das provas racionais da existência de Deus, no capítulo 5. Abordagens apologéticas que se utilizam dos argumentos racionais para provar a existência de Deus ainda são prevalecentes, mesmo após o devastador ataque de Immanuel Kant. Dentre as obras atuais, destacamos *A Existência de Deus*, de Richard Swinburne. Porém, Pascal e Kierkegaard, cada um em sua época, fizeram objeções à teologia natural.

Pascal, mesmo utilizando em alguns momentos de argumentos racionais, ele reconhece as limitações da razão, em se tratando de provar a existência de Deus. Ele especifica que o homem é incapaz de perceber a essência divina e arremata que a razão não prova a existência de Deus, pelo contrário, leva a um falso deus, meramente um criador de verdades geométricas (p. 141). Pascal se negou a utilizar Salmo 19:1 e Romanos 1:20 como fundamentação de uma teologia natural nos moldes da tradição tomista. Nas palavras do Dr. Marques:

De modo geral, Pascal denuncia a insuficiência das provas racionais em produzir uma fé autêntica no coração do homem. Se há alguma utilidade de tal artifício no estabelecimento da validade da doutrina cristã, é preciso, não obstante, reconhecer a sua completa inutilidade para levar alguém à fé. Há, na verdade, uma antítese insuperável entre a fé e a prova. Embora Pascal reconheça a possibilidade de a prova ser colocada como instrumento para fé, a fé mesma não pode ser provada e uma prova não pode adquirir estatuto de fé. (p. 146)

Kierkegaard também propõe o inconveniente de querer provar a existência de Deus. Em sua obra *Migalhas Filosóficas*, ele denuncia o inconveniente de querer provar que já é pressuposto. Para o filósofo dinamarquês, a existência de Deus não se prova, apenas se comprova por meio de um encontro pessoal. Deus é o Absolutamente Diferente. Ele denunciou a sandice hegeliana de pretender “escalar os céus pela força dos silogismos” (p. 152). No entanto, é necessário deixar ressaltado que Pascal não negou as provas históricas do Cristianismo, já Kierkegaard, nem isto.

No capítulo 6, para melhor exemplificar a relação de Pascal e Kierkegaard com as provas racionais da existência de Deus, José Marques explora dois conceitos-chave nos escritos de Pascal e Kierkegaard, a saber o escândalo e o pavor.

Segundo Marques, o escândalo, tanto na Bíblia quanto em Pascal, aponta para o ocultamento de Cristo. Tal escândalo provém da recusa da fé na relação com Deus. O autor de *Vestígios de Deus* explica:

O caráter ambivalente de Cristo é também explorado [por Pascal] onde, para aquele que o busca em temor e tremor, o Mestre é instrumento de santificação e pedra de Escândalo para aqueles que o rejeitam. (p. 175).

Pascal deixa claro que a tentativa de desvendar o mistério é uma armadilha que faz os teólogos e filósofos tropeçarem. (p. 176). Fazendo comentários aos conceitos de *Escândalo* e *Pavor* em Pascal, Marques clarifica nosso entendimento em forma de advertência àqueles que pretendem solucionar todos os paradoxos da Teologia:

O Escândalo é, portanto, uma categoria antropológica essencial que se instaura cada vez que o intelecto vagueia pelas zonas incógnitas e fronteiriças do Paradoxo. Na relação com o Paradoxo, o Escândalo emerge como tensão e, quando a razão tenta superar a zona limítrofe do Paradoxo, o Escândalo se coloca como obstáculo, como tropeço. (...) Como se vê, para Pascal, o Pavor é o estado de inquietação da alma ao perceber-se incapaz de penetrar racionalmente o mistério da existência. Obviamente, o autor dos *Pensamentos* não é um cético que reduz a existência a uma condição absurda e sem sentido. (pp. 178,179)

Em Kierkegaard encontra-se o conceito de *Paradoxo Absoluto* e a possibilidade de Escândalo. O dinamarquês percebeu uma conexão entre o escândalo e o salto de fé. Nas *Migalhas Filosóficas*, o *Escândalo* está ligado ao sofrimento. Este padecimento representa o sofrimento da razão ao perceber o caráter inatingível e indecifrável do Paradoxo da fé (p. 183). Sob o pseudônimo Anti-Climacus, Kierkegaard traz a representação do que para ele é o Cristianismo em sua mais alta acepção.

No capítulo 7, o Dr. José Marques faz uma correlação dos dois conceitos mais difundidos e popularizados de Pascal e Kierkegaard. Deste o *Salto* e daquele a *Aposta*. Sobre a *Aposta* de Pascal, deve-se entender que ela não expressa racionalismo, conforme é propagado em alguns manuais. A *Aposta* não é teologia natural, tampouco é uma prova apologética da existência de Deus; pelo contrário, aponta para os limites do pensamento. Pascal crê, isto sim, que há uma distância qualitativa entre o infinito (Deus) e o finito (homem). A fé é necessária para conhecermos a existência de Deus.

O incidente da *aposta* é realizado com um suposto cético. Não é uma aposta voluntária posto que a aposta já está aí. Não está no jogo, apostar ou não apostar, mas em saber qual é o objeto dela: a existência ou a inexistência. Se o crente estiver certo em sua aposta, terá um ganho infinito, uma vida infinitamente feliz com Deus. Se estiver errado, terá apenas uma perda finita. Se o cético estiver certo, terá um ganho finito. Se estiver errado, terá uma perda infinita. Depreende-se que o posicionamento do cético é fundamentado em questão de escolha e não de lógica. Já o *Salto de Fé* kierkegaardiano envolve silêncio e paradoxo. A ideia é que existe um fosso entre o estado presente e os dados históricos, de maneira que por mais que tente, o homem não consegue saltá-lo (esta ideia teve influência de Lessing). O salto de Kierkegaard não era baseado na retórica. Também não se restringe ao *Pós-Escrito*, mas já está presente em *Temor e Tremor*. É um salto incapaz de ser realizado exclusivamente pela iniciativa humana (p. 205). Aqui a Fé envolve a suspensão teleológica do Ético (Deus disse para não matar, mas aqui pede para Abraão matar seu próprio filho). Marques expõe o paradoxo:

Como entender que um ignominioso assassinato seja convertido em um louvável sacrifício é algo que ultrapassa a racionalidade humana. Pela fé é possível notar uma distinção entre assassinato e sacrifício, mas, em termos racionais, não há como encontrar uma explicação plausível para esse fato. (pp. 207-208)

É necessário deixar claro que nem Pascal é um racionalista disfarçado nem Kierkegaard é um irracionalista empedernido. Tanto a *Aposta* quanto o *Salto* são claros diagnósticos dos limites da razão. Ambos ressaltam como o finito se aniquila diante do infinito. Mas existem divergências entre os dois conceitos: o *Salto* kierkegaardiano advoga a tese do absurdo, já a *Aposta* pascaliana comporta um elemento considerável de razoabilidade. Além do mais, apesar de o coração ter “razões que a razão desconhece”, é preciso considerar que se há um lugar onde a razão termina há um lugar onde ela começa. Marques aponta o elemento racional (não confunda com racionalista), mesmo que seja simplesmente para entender o absurdo da fé.

No capítulo 8, José Marques prossegue sua argumentação demonstrando as estruturas profundas do ser humano que o levam a resistir à fé, exemplificando por meio dos conceitos de *Divertimento* em Pascal e do *Estético* como fuga da seriedade existencial. Para Pascal, a fuga pelo *divertimento* é uma modalidade inautêntica da

existência, pois se trata de um estilo separado da fé e da relação com Deus, num verdadeiro desvio existencial, do tipo gasto em entretenimento com mulheres e jogos ou até mesmo o deleite com a resolução de questões de álgebra. O *Divertimento* é “uma espécie de alívio enganoso para a miséria do homem” (p. 232). Para ilustrar a grandeza do pensamento pascaliano, o Dr. José Marques o cita na íntegra:

A única coisa que nos consola de nossas misérias é a Diversão. E, no entanto, é a maior de nossas misérias. Porque é ela que nos impede principalmente de pensar em nós e que nos põe a perder insensivelmente. Sem ela ficamos entediados, e esse tédio nos levaria a buscar um meio mais sólido de sair dele, mas a diversão nos entretém e nos faz chegar insensivelmente à morte (...) não tendo os homens podido curar a morte, a miséria, a ignorância, resolveram, para ficar felizes, não mais pensar nisso. (pp. 233,234).

O leitor de *Vestígios de Deus* se espanta com a clareza da argumentação de José Marques e a lucidez com que expressa as ideias de Pascal em sentenças como a seguinte:

Ao mesmo tempo, o Divertimento é fuga e desvia o homem de si mesmo, afasta-o da percepção de sua real condição. Paradoxalmente, é um buscar não querendo realmente encontrar-se, em uma analogia, é contemplar o espelho da alma, mas ser tomado pela vertigem quando a face da miséria é refletida. (p. 236)

Kierkegaard expressou o conceito de fuga pelo *Estético*, por meio das seguintes características: sensualidade, dúvida e desespero. Tomando o poeta como um exemplo do homem estético, afirma que este está preso ao mundo da estética. O poeta tenta vivenciar a felicidade, mas se encontra preso à sensualidade do instante. O esteta vive para o instante. Ele “foge de si mesmo na entrega irrestrita ao prazer” (p. 247).

De maneira eloquente e didática, Marques após expressar os empecilhos à fé, nos aponta, no capítulo 9, a adesão à fé, apresentando as passagens que tratam da *conversão* nos escritos de Pascal e Kierkegaard. Em Pascal, o escrito *Memorial* apresenta um tom nitidamente confessional. A conversão é relacional e não filosófica. E ela é manifesta por meio de três características: a certeza, a alegria e a obediência irrestrita. Kierkegaard apresenta a conversão em *Temor e Tremor*. Para ele “como um êxtase místico, a fé é o movimento da solidão” (p. 261). Abraão é o *Cavaleiro da fé*, o qual baseia seu sacrifício no dever absoluto para com Deus. Diante do paradoxo da fé, a atitude só pode ser o

silêncio. Mas antes de chegar à fé o indivíduo deve ser um cavaleiro da resignação, negando-se a si mesmo.

No capítulo 10, por fim, José Marques após mostrar as deturpações da fé, os perigos do racionalismo e a experiência e conversão, agora passa a mostrar-nos o caminho da vivência na fé, que é trilhado pela dialética entre a alegria e o sofrimento. Para Pascal há uma tensão entre sofrimento e alegria. Os cristãos participam dos sofrimentos de Cristo, mas o consolo do cristão não é necessariamente a anulação do sofrimento, uma vez que de algum modo a agonia permanece, mas nunca é por si mesma a causa da felicidade. Como afirma Marques: “A teleologia do sofrimento é sustentada não apenas na misericórdia divina, mas no potencial da alma convertida sentir-se plenamente realizada em Deus, em virtude da doutrina da *Imago Dei*”. (p. 280).

Para Kierkegaard, o sofrimento é o estado natural do Cristianismo: “o cavaleiro aceita a dimensão do sofrimento como inerente à própria fé” (p. 284). Kierkegaard acreditava “que o seu dever era restituir a dimensão dolorosa da fé” (p. 286). Há uma diferença entre o homem estético e o religioso. Aquele foge diante do sofrimento; já este persevera em meio ao sofrimento. Porém, na escola do sofrimento a obediência é o preço exigido.

Marques conclui esta bela obra com duas palavras ao leitor. A primeira palavra diz respeito à relação entre Pascal e Kierkegaard. Em seus 10 capítulos, o livro *Os Vestígios de Deus* demonstra a possibilidade do diálogo entre os dois filósofos e o quão frutífero ele é (p. 300). Percebe-se que as visões antropológicas dos dois decorre de sua teologia. Observam-se muitos pontos de convergência entre os dois, com destaque para as categorias epistemológicas e a insuficiência da razão para explicar Deus. Em certo sentido, eles são até pedagógicos, conforme assevera o Dr. José Marques:

Certamente, Pascal e Kierkegaard poderiam servir ao nosso tempo como um corretivo bastante oportuno das formas adocicadas e superficiais de Cristianismo. Do Cristianismo que confunde seguir com subir na vida, que troca felicidade por futilidade, que busca a dança e foge da ordenança, e que lança a cruz do discipulado para longe de si. Neste contexto, Pascal e Kierkegaard certamente ensinariam o que significa, de fato, ser cristão. (p. 303).

Há uma insistência de Marques por deixar claro que os autores não são homogêneos em suas filosofias. Pascal apresentou as chamadas provas pascalianas como os milagres, as profecias e as Escrituras. Coisas estas que talvez Kierkegaard não endossasse. A *Aposta* não pode ser confundida com conversão, já o *Salto* sim. Ambos criam na dialética do sofrimento e da alegria, contudo a tensão é mais bem estabelecida por Kierkegaard. De todas as características, porém, o Dr. José Marques prova com fartas evidências textuais que ambos estabeleceram o primado da fé na relação entre o homem e Deus.

A segunda palavra de conclusão diz respeito ao relacionamento entre fé e razão. Da perspectiva epistemológica, a noção de queda está ligada a três categorias: *desordem, esquecimento e distorção*. E com isto, perde-se a perfeita harmonia das faculdades cognitivas. Há um esquecimento da verdade e um embotamento da própria ideia de Deus e um desvirtuamento da verdade. Estas ideias presentes em Pascal e Kierkegaard contribuem para evidenciar a tensão entre a fé e a razão defendida em *Os Vestígios de Deus*. Um outro detalhe desta obra é que ela tira o estigma de irracionalista das costas de Kierkegaard. Aliás, um irracionalista sequer identificaria o Paradoxo como tal. Fica claro que o suprarracionalismo de Pascal e Kierkegaard não pode ser confundido, de forma alguma, com irracionalismo. O racionalismo ainda presente nos resquícios iluministas de muitos apologetas findaram por desfigurar a pessoa de Kierkegaard. Como salientaram Barth e Tillich, a fé não é um momento ou estágio da razão ou uma espécie de razão incompleta.

Os leitores terão suas perspectivas sobre Pascal e Kierkegaard modificadas em algum sentido após a leitura de *Os Vestígios de Deus*, obra escrita com requinte teológico e filosófico, com um riquíssimo aporte bibliográfico. Do ponto de vista da diagramação, nota-se apenas que a margem lateral das páginas é muito curta, dificultando os leitores que gostam de fazer notas marginais. Nada, porém, que diminua o trabalho editorial e a grandeza do autor que contribuiu para nos mostrar em estilo invejável, num diálogo primoroso entre os gigantes Pascal e Kierkegaard, os efeitos noéticos do pecado e a insuficiência da razão para chegar até Deus. No debate de escolas apologéticas, esta obra, originalíssima, certamente deverá servir como fonte de consulta por muitos anos como sinônimo de honestidade intelectual, do valor de consultar fontes primárias e da necessidade de pensar teologia e filosofia de maneira ampla e sem espantalhos, pelo que a recomendo com entusiasmo não só a seminaristas, mas também a amantes da boa

Filosofia e boa Teologia. Em uma época espinhosa e cheia de discussões fúteis e tolas, certamente esta é uma daquelas obras sobre a qual vale a pena se debruçar e refletir!